

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



NA SEMANA DOS ARTISTAS: — A GRACIOSA ACTRIZ-CANTORA CORINA FREIRE, VENDENDO À DIRECTORA DA «VOGA» UM MARAVILHOSO DISCO DA GRANDE MARCA «COLUMBIA» POR ELA PRÓPRIA GRAVADO, QUANDO, DURANTE O «DIA DO CHIADO», AQUELA ARTISTA FOI «VENDEUSE» NA CASA P. SANTOS & C., REPRESENTANTE DOS AFAMADOS DISCOS E APARELHOS DAQUELA CÉLEBRE MARCA

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE

Nas Belas Artes. — Organizada por uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante, realiza-se no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, no domingo gordo, uma interessante «matinée» infantil «costumée», de caridade, cujo produto se destina a favor de uma escola para crianças pobres e para o Asilo de Infância Desvalida D. Maria Pia.

No Avenida Palace. — Ontem realizou-se nas vastas salas do Avenida Palace, o primeiro «chá dançante» de caridade deste inverno, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, da qual faziam parte as se-

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lunch da Benard, seguindo os noivos depois para o Astoria, em Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Foi pedida em casamento, pelo ilustre director do «Comércio do Porto», sr. Bento Carqueja, para o arquitecto sr. Rogério de Azevedo, filho da sr.^a D. Carolina Anta de Azevedo e do sr. José Joaquim de Azevedo, já falecido, a sr.^a D. Albertina Ferreira Mendes, interessante filha da sr.^a D. Inácia Ferreira Mendes e do sr. José Cândido Ferreira Mendes.

A cerimónia deverá realizar-se brevemente.

Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Luísa Amância da Silva Santiago, gentil filha da sr.^a D. Elvira de Sousa Faria Santiago e do sr. Luís Gonçalves Santiago, com o sr. Artur Henrique Pinto.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria da Silva, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Lourenço da Silva.

Na corbeille via-se grande numero de valiosas prendas.

No dia 18 do mês passado realizou-se na Herdade de Pancas, e na capela da residência do Ex.^{mo} Sr. Luís Augusto de Oliveira, o casamento da sr.^a D. Leonor do Carmo de Oliveira Melo e Castro, filha daquêle nosso amigo



A sr.^a D. Maria Amélia Pereira Simões e o sr. Francisco Henrique de Oliveira Junior, por ocasião do seu casamento, realizado na paroquial igreja dos Anjos no dia 26 de Janeiro último



O casamento da sr.^a D. Leonor do Carmo de Oliveira Melo e Castro com o sr. engenheiro Luís Guilhermino da Hora Delgado Santos — Os noivos com os convidados após a cerimónia

guintes: D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Celeste de Liz Teixeira de Mendonça, D. Herry Perry Vidal Lewes, Madame de Molina, D. Maria Amélia de Lancastre de Freitas, D. Maria José Pinto Bastos de Vasconcelos Guimarães (Riba Tâmega), D. Peteca Mantecou e D. Vitória de Sousa Martins Peyo Braga, cujo produto se destinava a socorrer várias famílias que lutam com a miséria.

O aspecto das vastas salas do Avenida Palace era verdadeiramente encantador, vendo-se aí reunido tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

Durante toda a tarde dançou-se quasi sem interrupção, ao som de uma «xímia» orquestra «jazz-band».

A comissão organizadora deve estar satisfeita com os resultados obtidos, tanto sob o aspecto mundano como financeiro.

CASAMENTOS

Na paroquial igreja dos Anjos realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Pereira Simões, gentil filha da sr.^a D. Belmira Pereira do Vale Simões e do sr. José Simões Moreira, com o sr. Francisco Henrique de Oliveira Júnior, filho da sr.^a D. Júlia Leite de Oliveira e do sr. Francisco Henrique de Oliveira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguezia, sr. dr. Pereira dos Reis, que fez no fim da missa uma comovente alocução.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impoção da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.^o D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

VOGA

PROMOVE E ORGANISA

E M M A I O

NOS VASTOS SALÕES DA

SOCIEDADE NACIONAL

DE BELAS ARTES

E SOB O SEU PATROCÍNIO

O PRIMEIRO

SALÃO DE

ELEGANCIA

FEMININA

A MULHER NO LAR
A MULHER NOS SPORTS
ARTES DECORATIVAS
BELEZA :: ENCANTO
BOM GOSTO

LER OS PROXIMOS NUMEROS DA

VOGA

e da sr.^a D. Maria Augusta de Oliveira, com o distinto engenheiro sr. Luís Guilhermino da Hora Delgado Santos, filho da sr.^a D. Margarida da Hora Delgado Santos e do sr. Carlos Alberto Sampaio Santos.

Na corbeille viam-se muitas e valiosas prendas, tendo o acto revestido a maior intimidade.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Deolinda Coelho da Silva Gil, esposa do sr. Adelino Gil. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

BAPTISADOS

Com muita solenidade, e sendo celebrante o reverendo dr. Fernandes de Castro, realizou-se na paroquial igreja de S. Jorge, em Arroios, o

baptismo dos filhinhos da sr.^a D. Maria Amélia de Sales Caldeira e Silva e do sr. Antonio Emílio da Silva.

Serviram de madrinhas: do que tomou o nome de José Manuel, a sr.^a D. Irene Perdigão e Silva, e do que tomou o nome de Luís Filipe a sr.^a D. Adelia Salseta, e de padrinhos respectivamente os tios maternos, srs. João Luís da Silva e Ernesto Carlos da Silva.

Na elegante residência dos pais dos recém-baptizados foi servido um finíssimo lunch.

Na paroquial igreja da Conceição Nova, sendo celebrante o prior da freguesia, reverendo Ramalho, realizou-se com muita intimidade o baptismo de uma filhinha da sr.^a D. Maria do Carmo Batalha Manzoni de Sequeira Xavier e do sr. José da Guia Xavier.

Serviram de madrinha da gentil criança que recebeu o nome de Maria Adelaide, a tia materna sr.^a D. Maria da Paz Lopes Batalha e de padrinho o avô materno sr. António Manzoni de Sequeira, administrador do nosso presado colega Diário de Lisboa.

Realizou-se na paroquial igreja de Santa Engracia, o baptismo de um filhinho da sr.^a D. Dulce Castanheira da Cruz e do sr. Carlos Fernandes da Cruz a qual recebeu o nome de Mário. Luís tendo servido de madrinha a avó paterna sr.^a D. Henriqueta da Cruz e de padrinho o sr. Francisco Oliveira Miranda.

«AO CARNAVAL DE VENEZA»



Um interessante instantâneo da gentil actriz Auzenda de Oliveira e actor Erico Braga, distintos «vendedores» do conhecido estabelecimento chic «Carnaval de Veneza», da Rua do Ouro, 107 (Telefone 2287 C.), durante a «Semana dos Artistas»

Estreiras chinesas. PELA QUINTA PARTE DO PREÇO D'UM — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801

AS MODAS EM VOGA

OS VESTIDOS MODERNOS E AS FAZENDAS A TRES TONS

UM LINDO CASACO MUITO PRÁTICO E ECONOMICO



deve estar absolutamente certa com uma das precedentes.

Qualquer dos nossos modelos é duma grande elegância de linhas e duma extrema graciosidade.

A sua elegância de corte alia-se à policromada fantasia e à bizarra disposição dos tons na harmonia vibrante de alegria e beleza.

Começamos a descrever os modelos nas suas cores e no seu conjunto:

Um dos nossos modelos, o que tem a saia plissada a direito, fica muito bem e com um aspecto muito harmonioso, desde que seja trabalhado em dois tons de «beige» e castanho.

saia travada, é feito em verde muito claro — verde-água — por exemplo e enfeitado com barras em dois tons de verde, mais escuro, que enfeitam a saia, o corpo, o decote e as mangas. Um laço em dois tons é posto ao lado esquerdo da gola e cai negligentemente até ao começo da saia.

O nosso modelo que tem na saia dois folhos plissados é feito em crepe da China «gris-perle» e os bicos que enfeitam o corpo em três tons de azul que se combinem e harmonizem bem.

Por último temos um vestido em veludo preto e fazenda «beige». Contornando a costura que liga as duas fazendas e formando o cinto, um



Os vestidos e os chapéus atingiram este ano um conjunto policromado, lindo e prático.

Lembro-me de ouvir dizer, não há muito tempo ainda, que os vestidos, principalmente os de passeio, deviam ser muito sóbrios, numa só cor, e esta discreta, bem como discretamente enfeitados. Raramente estes vestidos podiam ser de mau gosto.

Não havia exigências de combinações de tons nem de harmonia de conjunto como também não tinham a graça, a beleza, o requinte de elegância que tem os vestidos de hoje. Praticamente tem a faculdade das transformações, e que as leitoras de certo já constatarem com alegria.

Criaram-se mesmo já fazendas em três tons, todos muito bem combinados (que é o único segredo do conjunto maravilhoso dos alegres e vistosos vestidos modernos) facilitando-lhes assim a sua confecção.

Além das sedas, veludos e fazendas estampadas com desenhos miúdos e cores várias, — os vestidos chamados «a dois tons», — há os vestidos numa só cor, tendo depois dois ou três tons de seda ou fitas a enfeitá-los, sendo as cores dispostas numa escala.

Aos vestidos a dois tons pode-se-lhes juntar um terceiro tom, mas este muito discretamente utilizado em estreitas tiras ou vivos muito finos.

Damos hoje varios modelos neste género, compostos em três tons, para uma clara identificação destes curiosos e alegres vestidos, variando o seu feitio tanto quanto puderem a fantasia e o bom gosto de cada um.

Há a notar que só em malhas e nas fazendas lavradas se podem usar cores desconexas e matizadas ou nos vestidos de crianças. Para senhoras, os vestidos em fazenda, seda e veludo, devem ter os tons muito bem combinados.

Sendo os vestidos numa só cor clara pode-se-lhes juntar dois ou três tons doutra cor. Quando são duas cores diferentes, a terceira cor



VOGA

fazenda, tendo de largura 1,50, temos a quantidade de tecido suficiente para a confecção deste elegante casaco.

Vários desenhos bastante sugestivos mostram bem a maneira de cortar o casaco sem grandes hesitações nem dificuldades.

Corta-se o «empiècement» com mangas em quimono. Desejando fazer a manga cosida por dentro, como usualmente se faz, cose-se por dentro o triângulo delineado no braço direito da segunda figura desenhada.

Temos ao meio o aspecto geral com o quadrado exacto e mostrando como cortar as aligeiras, os virados, o «empiècement» e o corpo do casaco.

Faz-se uma prega ao meio do corpo do casaco e prega-se o «empiècement» na parte de trás.

No desenho seguinte mostra-se a maneira de o pregar na parte da frente e eis um casaco meio acabado com tanta facilidade.

Termina-se este colocando os virados e a gola, que deve ser de pele. Desejando fazer a gola da mesma fazenda, deve suprimir-se as aligeiras, mas fica mais engraçado e elegante feito com a gola de pele e conservando as ditas aligeiras.

Eis um lindo modelo que as queridas leitoras podem confeccionar em casa sem receio, pois a sua explicação pormenorizadamente desenhada as deve ajudar bastante, guiando-as com segurança e mestria.

O fazer os vestidos em casa tornou-se hoje uma coisa elegante e económica.

MADemoiselle X.

ESPARTILHOS E CINTAS

"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS
28 — Chiado — 30

Todo o vestido deve ser feito em «beige» muito claro. A parte da frente do vestido e as barras que se arredondam para os lados são feitas em «beige» num tom um pouco mais escuro, e o estreito «vivo» que as contorna, em castanho. Estes «vivos» são sobrepostos sobre a costura que liga as duas fazendas, tapando-as e enfeitando-as.

Outro dos nossos modelos de linha direita e

tecido muito fino em vermelho, — um vermelho bonito e discreto — que formará um conjunto delicioso neste gracioso vestido de passeio.

O modelo «Voga» que hoje publicamos é engenhosamente prático e barato. Com 1,50 de

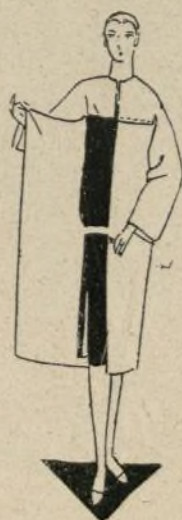
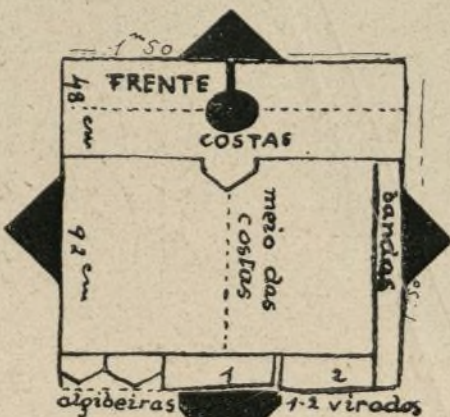
M A L A S E Bastos Silva, Lt.^a Rua S. Nicolau, 81
CARTEIRAS Paris - Chiado Rua Garrett, 64
ALTA NOVIDADE

Etoile noire
ultima criação de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



essencia
pó de arroz
loção

A venda em todas as boas Casas
AGENTES DEPARTAMENTO STETTER & CO. Lda. 118, Rua de S. Francisco 2.º e 3.º



Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para famílias e senhoras que viajam sós. — Peçam prospectos.



Dama Renascença



Tristão



Arlequim

Infantes
hespanhoes
(Velasquez)

Lesteira Luiz XV



Princesa Veneziana



Zuavo



Pierrette



o Lobo



Dóbo



Maria Pintasilga



Peralta



Pião



Melisande

OS ARTISTAS NOS MERCADOS



Amélia Pereira e Irene Isidro com uma das rainhas dos mercados, na Praça da Figueira

MÁSCARAS ELEGANTES E DE FÁCIL EXECUÇÃO

A DIVINHA-SE o Carnaval, o estonteante Carnaval com a sua alegria ruidosa, a sua beleza alacre, cheia de movimento e borborinho, de cor e bulício.

O Carnaval é, decorativamente, uma das épocas do ano mais curiosas e interessantes, é um friso variado e policromo.

Os vestidos antigos e caprichosos executados em cores fortes e lindas, misturando o brilho das sedas com a beleza suave e macia dos veludos, as rendas largas e lindas com as opulentas cabeleiras brancas e frisadas (que em

tiram a esta quadra do ano o que ela poderá ser de curioso, deveríamos torná-lo uma época de elegância, de beleza e alegria.

Tôdas as senhoras ao escolherem o seu «travesti» devem fazê-lo com ponderação, segundo a sua beleza e o seu tipo.

Uma loira de olhos azuis ficará linda, por exemplo, vestida de Mélisande.

Essa mesma loira, se se mascarar de Carmen, andaluza de olhos negros, ficará absolutamente detestável.

Conforme as características da sua beleza assim o «travesti» será escolhido para que haja uma harmonia grande, cheia de elegância e bom gosto entre as personagens representadas num enorme salão, cheio de «confetti» e serpentinas, irrisado pelo fulgôr inebriante dos jorros de luz derramada dos lustres sobre a «féerie» deslumbrante dum suntuoso baile carnavalesco.

É um baile cosmopolita e anacrônico em que se dão o braço com alegria vibrante, egípcios e espanhóis, venezianas e ciganas, princesas e saloias, mulheres historicas de alta linhagem com mulhres e homens do povo, com bôbos e falcoeiros todos reunidos na mesma exuberante alacridade de risos e estouvamentos.

O Carnaval facilmente toma por vezes um aspecto de antipático e lamentável mau gosto. É necessário que os espiritos selectos procurem civilizar esse mau Carnaval, fazendo dêle uma elegante exibição de deliciosos «travestis» com os quais se possa fazer espírito e até Arte.

Eis uma variedade enorme e linda que passo a descrever.

Infanta espanhola: é um lindo costume muito fino e elegante.

Feito em «taffetas» branco com estreitas barras em lilaz (as mais escuras) e barras em «lamé» prateado (as riscadas).

A cabeleira é feita de fios prateados com laços em lilaz.

O fato do **Infante espanhol** é feito em veludo preto; a gola e os punhos em organdi branco. A écharpe a tiracolo, a barra dos punhos, o cinto e as botas são também em «lamé» prateado, isto é, toda a parte tracejada é feita em «lamé».

O fato da **Dama Renasença** é um curioso

CASA LOPES & MAIA



Na Casa Lopes & Maia, L.^{da}, da Rua do Ouro, 269 (Telef. C. 2838), as mais lindas novidades em elegâncias femininas e modas «dernier-cri», vestidos, casacos e chapéus, foram vendidas com graça e donaire, durante a «Semana dos Artistas», por Hortense Luz e Izilda de Vasconcelos

certos fatos tem que suprimir os cabelos curtos), são dum conjunto maravilhoso.

Em vez do Carnaval ser uma desculpa para fatos sem graça, mal feitos e deselegantes, que

NA PRAÇA DA FIGUEIRA



Constança Navarro vende frutas e distribui sorrisos...

«travesti» em «taffetas» branco e veludo preto. **Tristão** — Um lindo fato todo em «lamé» prateado. A capa é também em «lamé» prateado forrada de veludo carmesim. O «maillot» que envolve as pernas é também nesta última cor.

Uma lança, igualmente prateada, completa o aspecto medieval dêste personagem.

Arlequim — É este um gracioso fato para menina, em crêpe verde escuro. Fitas vermelhas fazem desenhos simétricos em todo o vestido. Bandas em verde jade envolvem a saia e formam a gola. A flôr, as fitas e o chapéu são feitas nos dois tons de verde. É um gracioso vestido cheio de cor e desenho, que deve ficar muito bem a uma esbelta rapariga, muito branca, de olhos meigos.

Leiteira Luís XV — A saia e o corpete são feitos em «taffetas» listado de branco e azul. A «blouse» é feita em «linon» branco, com laços azuis nas mangas. Um pequeno chapéu em palha, seguro à cabeça com um largo laço em fita azul, completa este gracioso travesti.

Princesa Veneziana — Vestido em faille crême, com aplicações em veludo preto imitando gondolas.

Do tricorne de veludo preto parte uma mantilha de renda de seda, envolvendo os ombros. Flores vermelhas põem uma nota vibrante e alegre na palidez do tecido.

Folhos de crepe compõem uns punhos volumosos, deixando ver bem a nudez do braço.

NA SAPATARIA PARIS, L.^{da}

Rua Aurea, 268-270 (Telef. N. 3417). As simpáticas actrizes Líbia de Almeida e Sofia Santos vendendo o esplêndido calçado «Elite», por ocasião da «Semana dos Artistas»

Guavo — Um boléro de veludo vermelho sobre um vestido de «taffetas» azul claro compõem este delicioso fato que uma barrete também em veludo vermelho completa.

Pierrette — Vestido em veludo preto e branco, alternados. É um gracioso vestido que a gravura mostra bem.

Peralta — Um «travesti» próprio para um espírito fantasista e alegre. Compõe-se este fato de calças de quadrados, em tecido anglo-saxão; colarinho, gravata e punhos mas sem camisa. Um colete de piqué branco, uma grossa bengala e chapéu alto completam este irrisório fato que muito bem ficará a uma cara, morena e gaiata, de olhos negros e vivos.

Mélisande — Vestido em veludo vermelho, com aplicações em círculo, brancas, em tamanhos variados, e enfeitado com arminho. Uma cabeleira de tongas tranças loiras deve substituir os cabelos curtos.

Lobo — Fato em peluche preto, de mangas compridas, e prolongando-se numa espécie de capuz, envolvendo a cabeça e formando a do lobo.

Maria Pintassilga — É o que os franceses chamam *Chaperon Rouge*. Vestido em crêpe vermelho, muito vivo. Aventalinho e «fichu» em linon branco. O chapéu é em veludo vermelho.

Pião — Engraçado vestido em taffetas listado de azul, preto, amarelo e vermelho. O feitiço é dado a este vestido com uma armação em arame.

MASCARIM VERDE.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

CASA DE MEIAS «VIDAL»



Rua Ivens, 53 — A gentil actriz Filomena Lima vendendo a Madame Henriette Lenglet um dos escolhidos artigos desta conhecida casa, durante a Semana dos Artistas

«A POMPADOUR»



Na «Semana dos Artistas», uma das «caixeiras» mais espirituosas foi a popular e distinta actriz Amélia Pereira, na «Pompadour», a elegante casa de espartilhos do Chiado



Foto H. Manuel
Ensemble em veludo de seda liso e de fantasia, gola de peles



Foto M. Freres
Casaco em veludo preto e raposa



Foto M. Freres
Vestido de casaco gris, peles em cinzento escuro



Scalone
Desbabilé em musselina de seda rosa e renda prateada



Capa em setim bege e veludo preto, criação Dreccoll



Foto M. Freres
Casaco de seda preta estampada enfeitado a raposa



Foto M. Freres
Casaco em setim preto e branco, peles brancas



Foto H. Manuel
Vestido em crepe da china preto e branco, casaco em veludo e peles pretas



Foto M. Freres
Vestido bordado a perolas de dois tons e branco criação Bechoff



Foto M. Freres
Vestido em crepe da china preto, bolero bordado a ponto de Beauvues, de Charlotte



Foto M. Freres



Vestido de veludo de seda preto enfeitado a golão cinza, gris, argente, criação Cachot tierre



Foto M. Freres
Vestido de Martial e Armand em crepe da china azul claro, casaco azul escuro bordado a 'vieux rose' e ouro



Foto M. Freres
Tela gris e azul marinho de Blanchet

Vestido de stilo em laffetas champanhe guarnecido de renda dourada, criação Mod Deshayes

Vestido em crepe da china preto e renda, de Charlotte



Foto M. Freres



Foto H. Manuel
Vestido em musselina branca bordado a stross, criação de Welly Soeurs



Foto M. Freres
Vestido em crepe marroquin azul em tres tons, criação Rochas

NA CASA «A POMPADOUR»



Num dos dias da «Semana dos Artistas», Erico Braga, o mais gracioso dos vendedores, esteve na aristocrática «Pompadour», casa de espartilhos, cintas e frivolidades, no Chiado

O ÚLTIMO RECURSO

Há duas horas que o advogado falava, sem fatigar os juizes, escutado, com ansiosa curiosidade, pelo auditório. Presentia-se que ele se batia pelo seu constituinte com a bravura e a fidelidade dum companheiro

polícia, o delegado do ministério público, a imprensa, só encontram uma conclusão terrível, absorvente, fatal: foi ele o assassino. Não se raciocina sobre as circunstancias igualmente importantes, igualmente esmagado-

NA SAPATARIA ATLAS



Durante a «Semana dos Artistas», nesta conhecidíssima e afamada fábrica de primoroso calçado, sucursal da Rua do Carmo, as vendas foram feitas por Leonilde Pereira e os graciosos cómicos António Gomes e Alberto Ghira

de armas. Os argumentos brotavam-lhe dos lábios com espontaneidade; sua eloquência, desprezada de artificios, era grande, bela e humana.

O réu fitava-o de quando em vez, vislumbrando-se, nos seus olhos tristes, uma gratidão e uma admiração infinitas pelo seu defensor.

O juiz, sentindo o cansaço do advogado, suspendeu a audiência por meia hora. E quando ela se abriu, o defensor, numa voz plena de emoção, prosseguiu:

— Pesa sobre este homem a mais formidável das acusações, havendo provas que são duma irrefutável evidência. Encontraram-no de noite, debruçado sobre um cadáver. Tinha sangue numa das mãos e, na outra, uma pistola. Quando o levaram para a esquadra não soube explicar a razão porque se encontrava áquela hora numa rua deserta e muito afastada da sua residência. Estava desvairado de medo e chamaram a esse estado de espirito — remorso. Porque tinha as mãos manchadas de sangue? Por se ter debruçado sobre o cadáver? Mas, como se explica que empunhasse uma pistola, a pistola do crime? O réu não o explica e a

ras que se acumulam para demonstração da sua inocência. O réu tem uma vida privada exemplar; é um bom chefe de família, é um empregado público de irrepreensível comportamento. Provou-se que não conhecia a vítima, averiguou-se que o móbil do crime não foi o roubo. Porque matou, então? Simplesmente porque foi encontrado debruçado sobre um cadáver e empunhando a arma com que foi praticado o crime.

Matou, principalmente, por esta razão fundamental: a polícia, insuficiente e mal organizada, inculta e rotineira, convencida de que o crime se descobre só quando o criminoso se revela, não deu um passo, não fez um gesto, não pensou um minuto, para descobrir a verdade e, por meio dela, o homem que assassinou.

Sinto pairar, sobre o tribunal, um sorriso de gelado scepticismo. Noto em todos os lábios a crispção subtil duma grande duvida, vejo em todos os olhos a condenação deste homem. A sua volta criou-se um ambiente homicida — e é esse ambiente que vai decerto gerar uma das mais monstruosas iniquidades: — o castigo dum inocente.

Sinto esse scepticismo, principalmente, quando evoco todos os erros judiciais até hoje praticados. Truc de advogados — murmura-se baixinho. Não se pensa que o mais inteligente dos homens erra como o mais imbecil; não se acredita que o erro judiciário surja nos momentos em que o inocente está claramente comprometido.

Esquece-se que os erros judiciais foram cometidos por magistrados ilustres; esquece-se ainda que um criminoso consegue ser condenado com metade das provas que se encarniçam contra um inocente.

Para toda a gente, o crime de que acusam este homem está em plena luz. Para a minha consciência ele está em plena treva. Ignora-se tudo, desde o móbil do crime à personalidade do criminoso. Se me coubesse o papel de polícia, estou inteiramente convencido de que há muito o verdadeiro assassino se encontraria preso e o meu constituinte estaria a estas horas reabilitado e em liberdade.

sucumbiu à sua propria infamia, foi vítima duma vingança que não receio de classificar dum acto de justiça, implacável, ilegal, bárbara, mas humana, infinitamente humana...

Ao ouvir a leitura da sentença que condenava o réu a 8 anos de prisão maior celular seguidos de 12 de degredo, o advogado empalideceu e caiu quasi desfalecido sobre a banca. Esteve assim alguns segundos. Depois ergueu-se num impeto, arrancou nervosamente a tóga, rasgando-a, e declarou com uma voz quasi estrangulada:

— Acabam de condenar um inocente.

Calou-se e olhou com indizível angustia os juizes. Endireitou o busto e tentou fixar o auditorio. Não o conseguiu. E, então, como um

NA CASA DAUPIAS



Lubella Stichini e Maria Cristina, animavam durante a «Semana dos Artistas», com o seu sorriso, a venda dos magníficos produtos da «Casa Daupias», na R. do Carmo, 29-31 — (Telef. C. 1354)

As testemunhas de acusação foram as melhores testemunhas de defesa do meu constituinte. Dos seus depoimentos averiguámos que a vítima era um ser desprezivelmente nulo, uma alma aberta às mais perversas sugestões. Sua vida era uma estrada ladeada de infamias e dos ódios que elas, com lógica, desencadearam.

Retomemos um desses fios subtils que ligam e irmanam quasi todos os depoimentos que aqui escutámos.

A vítima tinha um passado detestável. A lama de que sua alma era feita jorrava, muitas vezes, sobre a honra alheia. Embora as vítimas fôssem coagidas por pudor a não se queixar, a devorar em silencio as afrontas recebidas, em seus cérebros a ideia da vingança germinaria tenaz e inquebrantável. Ia jurar que a vítima

homem esmagado por uma dor intensa, afirmou:

— O verdadeiro criminoso, sou eu!

HELENA DE GUSMÃO.

SORRINDO...

DEFINIÇÃO

Numa aula de instrução primaria:

O professor: — Como se chamam as pessoas que, quando os meninos dormem, examinam o céu, com grandes óculos, e estudam as estrêlas e a lua?

— Lunáticos — responde, prontamente, um dos gaiatos.

CASA SASSETTI & C.



Os melhores gramofones, discos, músicas, pianos, são os de Sassetti & C., na Rua do Carmo, 54-58. Foi o que ficou provado pela venda excepcional feita por Célia Mendes e Constança Navarro à elegante clientela daquela casa, durante a «Semana dos Artistas»

CHARLIE assinava sempre cheques para pagar todas as contas, sem exceptuar mesmo as minhas. As despesas de casa eram grandes mas não em demasia. Não tinha quantia fixa para elas. Eu escrevia tudo e Charlie dava-me quanto dinheiro eu lhe pedia.

Não lhe posso chamar, por forma alguma, económico nem tão pouco avarento. Tinha todo o cuidado que é preciso ter com o seu lar, mesmo quando estava no «studio». É possível que os primeiros anos da sua vida lhe tivessem feito ver o valor do dinheiro, — aqueles anos em que esse dinheiro tanto lhe custava a ganhar.

Jámais gastava dinheiro com divertimentos fúteis, como em geral faz toda a gente em Hollywood. Era coisa com que de modo algum se importava.

A INTERVENÇÃO DE QUALQUER OUTRA MULHER NA NOSSA VIDA CONJUGAL DEVERÁ SER POSTA DE PARTE. FORAM O SEU GÊNIO, O SEU TEMPERAMENTO, O SEU TERRÍVEL ISOLAMENTO, QUE DESPEDAÇARAM A NOSSA VIDA EM COMUM.

A forma preferida por Charlie Chaplin para se divertir era andar com um grupo de amigos, bem escolhido, e o qual ele estimava não pela



Charlie e a sua cara-metade.

(Continuação)

Conheci muito bem que eu, mentalmente, era muito tacanha comparada com ele. Julgo porém que toda a mulher gosta de ver que o marido é mais fino e esperto do que ela. E eu poderia perceber todos os seus pensamentos e sonhos, ainda mesmo que não pudesse corresponder a eles ou dizer-lhe que os compreendia.

Excepção feita para o seu gosto pelo silêncio

prio. Não me recorde de jámais o ter ouvido falar do seu passado. Estou certa de que nada havia nesse passado que o pudesse envergonhar ou diminuir; o certo, porém, é que Charlie gostava de viver do presente e de pensar no futuro.

Contou-me duma vez que a sua entrada para o cinema fôra uma coisa fortuita. De forma alguma lhe interessava a scena muda quando foi contratado para fazer um pequeno papel num filme por Mack Sennett. (Ao tempo Charlie trabalhava numa companhia de vaudevilles). Foi então que se descobriu a si próprio.

Este contracto accidental, e que aceitou sem lhe ligar importância, mudou todo o curso da sua vida. Não posso entrar em pormenores, nem apontar datas com exactidão. Como já disse, Charlie falava muito pouco, quer comigo quer com as outras pessoas acerca do passado. Era uma coisa que lhe não interessava.

Acredito que, depois de casados, se tornassem para ele pessoas amigas as que eu já antes contava como tais. Não julgo impossível que assim fôsse.

O QUE EU NUNCA PUDE PERCEBER...

As ideias de Charlie acerca da convivência eram um pouco limitadas para lhe permitir o misturar-se com muita gente, a não ser que as pessoas por acaso lhe parecessem dignas de interesse. Poucas estiveram nesse caso e ainda menos pelo que respeita às que conhecíamos antes do nosso casamento. Em boa verdade, Charlie não dava conta dessas pessoas, nem se incomodava em registar esses conhecimentos...

É um homem que tem a maior dificuldade em disfarçar os seus sentimentos. Se por acaso não gosta duma pessoa, isso torna-se logo evidente. Não o faz talvez conscientemente, mas também não o disfarça. E dêste modo bem depressa vi que, ao contrário dos meus primitivos planos, não me seria possível receber em minha casa muitas das pessoas minhas amigas. A tal respeito nunca pude saber bem como é que Charlie se comportaria... É possível que não fôsse rude para com os meus convidados, mas eu vi que eles não poderiam deixar de compreender que Charlie se encontrava constrangido na presença deles e sempre com vontade que se fôsem embora...

Devem ter sido os zelos que causaram isto, porque Charlie era muitíssimo ciumento. Quer-me só para ele, que só nele pensasse, até mesmo quando me deixava sósinha dias e noites seguidas.

A questão de qualquer mulher ou de outras mulheres se terem metido de permeio na nossa

vida de casados tem de ser posta de parte. Foram o seu génio, o seu temperamento, a sua terrível tendência para se isolar que despedaçaram a nossa vida conjugal. As outras mulheres nada tinham que ver com ele. Não o censuro pela sua idiosincrasia, ou pela sua falta de sociabilidade. Considero isso como uma tragédia do seu génio; o seu temperamento pedia-lhe a solidão e tornava-o infeliz ao mesmo tempo. E Charlie não podia resistir às suas tendências.

Como veem eu procuro ser impessoal, ao considerar os meus dois anos de vida conjugal com Charlie Chaplin. Era aquela a sua maneira de ser, o seu temperamento. Se ele mudasse deixaria de ser ele próprio.

Conheci que era um estranho, um excelente espírito, dominado pela ideia do bem e, possivelmente, algumas vezes, por maus impulsos ou tentações, por terrores e inspirações, tudo impelindo-o em diversos sentidos sem lhe deixar sossego.

Para Charlie Chaplin um grande amor existe: o da sua arte. Se exceptuarmos o amor que dedica a sua mãe e aos seus filhos, nada mais existe para ele. É esse o seu temperamento e foi isso que eu vi durante a nossa vida em comum.

Penso que ele próprio sabe não ter condições para viver feliz com as outras criaturas.

Depois que a união de nós dois começou a entrar nos domínios da desilusão, costumava dizer nunca ter julgado que o amor pudesse durar no casamento — sobretudo para ele. Sentia pena com isso, mas não estava mais na sua mão.

— Só dura e persiste o amor de mãe! — dizia-me ele.

A experiência que eu tinha do seu temperamento mostrava-me que, a pesar das suas asser-



ções, Charlie acreditava na duração do nosso amor, — até, já se vê, que as suas tendências o chamassem para a solidão. O que é indubitável é que a sua arte e a sua obra o dominam em absoluto. A esse respeito não pode haver duas opiniões. Quem quer que saiba como é ele luta para desempenhar bem os seus papéis, quantos obstáculos tem de vencer e como ele se tortura até ao completo êxito das suas ambições de artista, não poderá deixar de compreender a dedicação que ele dedica à sua arte, que para ele é a coisa de mais valia neste mundo.

É capaz de trabalhar horas e horas sobre um pormenor que a outros pareceria somenos. A atenção que dedicava a qualquer obra era baseada no provérbio americano: A perfeição numa obra é feita de pequenas ninharias, mas a perfeição não é uma ninharia.

(Continua)



Charlie Chaplin por ocasião do casamento de Jack Pickford com Marilyn Miller

riqueza, posição social ou alegria de cada um, mas muito simplesmente porque todos eram bons companheiros.

Em boa verdade, tinha poucos amigos verdadeiros. Parece-me que Douglas Fairbanks e John Barrymore eram os dois que ele mais estimava. Poucas pessoas, interessadas que elas estivessem na por demais absorvente profissão de Charlie, lhe interessavam a ele. Poucas mulheres entravam no reduzido círculo das suas amizades.

Charlie costumava dizer que a simpatia duma mulher vale mais que todas as mentaidades do mundo inteiro e algumas vezes lhe ouvi que

e hábitos de solidão e abstracção, e os quais não provinham do desejo de quaisquer outras companhias, nunca tive desgostos ou amarguras dadas por ele.

Muitas vezes me dizia que eu era uma linda e complacente espectadora, o que era uma maneira de me dizer que eu o sabia escutar. Quando eramos noivos, e antes mesmo disso, Charlie costumava ler-me versos. Lia maravilhosamente e eu às vezes escutava-o horas e horas.

LIVROS E AMIZADES

Algumas ocasiões, já depois de casados, Charlie lembrou-me alguns livros que gostaria que eu lesse e eu aceitava sempre com alegria as suas sugestões. Sei bem que muito e muito aprendi com ele pelo que respeita à música, arte e literatura.

— Amo-te porque vejo que não procuras tornar-te uma sábia! — disse-me ele um dia, não muito tempo depois de termos casado.

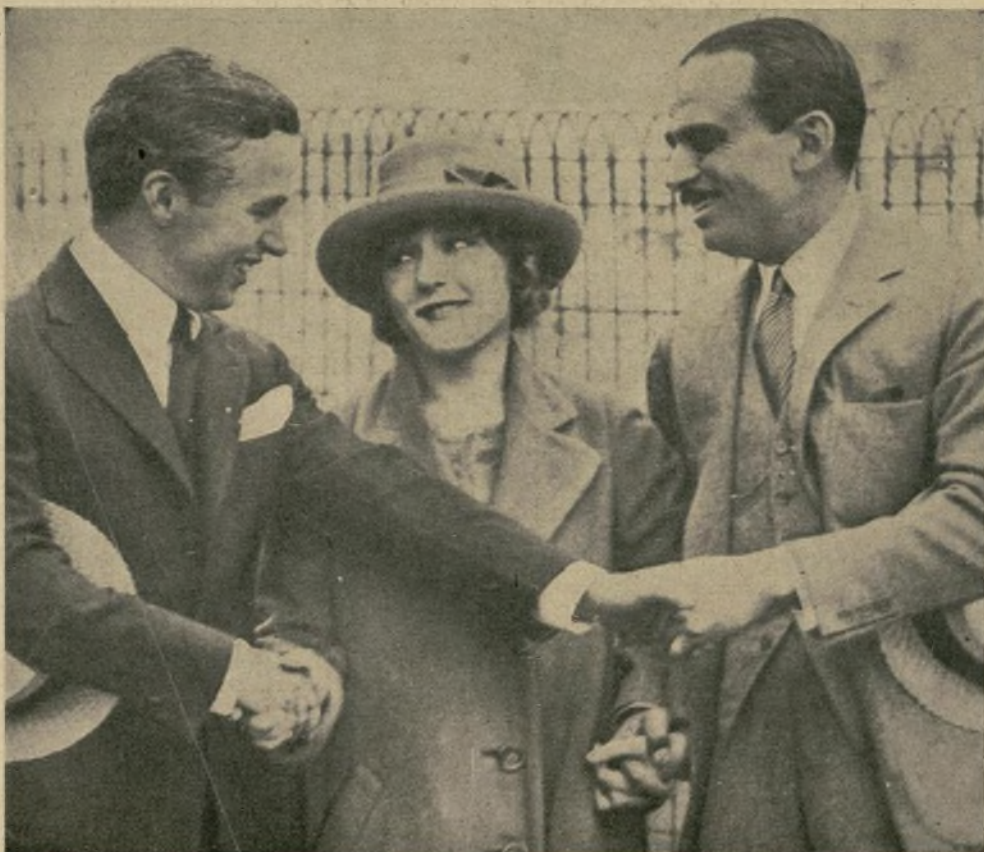
Mas depressa percebi que se sentia feliz com os seus amigos e conhecidos que lhe falavam de livros, pintura e música.

As vezes esses amigos vinham para nossa casa e Charlie demorava-se até altas horas conversando, conversando, conversando sempre acerca de mil e uma coisas que eu não percebia.

Chamava-me então, mas eu bem compreendia que o seu pensamento estava todo na sua conversação, nos livros que discutia, na música, ou nos cenários que jámais estavam afastados por muito tempo da sua mente.

Os livros, os filmes e o seu violino — isto conjugado com a sua obra, — constituíam os seus reais e efectivos divertimentos. A sua livreria, lembro-me bem, estava atulhada de livros, toda a espécie de livros que ele lia e conhecia muito bem. Em muitas coisas era económico, mas gastava sempre muito em se tratando de livros e quadros.

Charlie Chaplin não gosta de falar de si pró-



Charlie Chaplin, Mary Pickford e Douglas Fairbanks



preferiria correr uma légua a associar-se com uma mulher cujo cérebro fôsse maior do que o seu coração.

— Não há homem nenhum que arrisque a sua vida para salvar uma mulher por causa da sua inteligência! — disse-me ele duma vez.

XX

16 de Outubro

ONTEM sarau diplomático em Péra, em casa de Sua Alta Excelência Piali bey, ministro dos Negócios Estrangeiros. Piali bey não é muçulmano. É raia, — súbdito cristão, vassalo. Mas na pobre Turquia actual, a Europa e o Cristianismo mandam como donos. É o próprio Padixá, Califa e Vigário do Profeta, entrega nas mãos dos infieis a administração do seu povo.

É triste, e cómico ao mesmo tempo. No mais suntuoso salão de Piali bey, ministro otomano, vê-se emoldurado, no lugar de honra, um pergaminho papal: Piali bey Sokili e madama Sokili, sua esposa, humildemente prostrados aos pés de Sua Santidade, imploram com humildade, fé e fervor, o socorro espiritual da sua bênção apostólica... Onde estão os vizires de outrora!

Piali bey recebe de fraque e com o plastrão atravessado pela grande banda verde. Se não fôsse o fez obrigatório, Piali bey não se distinguiria de qualquer Excelência do Ocidente. É madama Sokili, de rosto, braços e colo nus, faz

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

e inclinei-me, depois d'ele, diante de Mehmed, gaguejando ao acaso:

— Felicito Vossa Excelência...

Mas, vendo-me, ele protestou:

— Ah não, senhor coronel! Entre soldados, não. O senhor teria feito o mesmo, e não é coisa em que valha a pena falar.

Intrigado, interroguei Narciso Boucher...

— Como, não sabe? É a história do Selamick de ontem, o tumulto dos zuavos da guarda.

— Um tumulto?

— Sim! O Sultão, três vezes seguidas, fez-se escutar, no Selamick, pelos sargentos do regimento albanês. O regimento árabe, furioso, assaltou o quartel favorecido. Os albaneses responderam a tiro, das janelas, e os adversários, recuando para esperar reforços, foram-se estendendo pela rua. Trava-se a batalha, há feridos e mortos. O coronel árabe, mais excitado que ninguém, incitava os soldados, em vez de os reter. Os quartéis, como sabe, estão a quinhentos metros de Yildiz. O sultão, ouvindo o tumulto, fica inquieto. À pressa, ordena ao mi-

homens conhecem Mehmed, a quem viram nos campos de batalha da Tessália. Voltam imediatamente a quartéis. E o Sultão entendeu que isto valia o Imtiaz.

Eu também o entendo. Dirigi-me de novo ao marechal:

— Vossa Excelência desculpará a minha parvoíce de há pouco: tão bom turco me tornei que vivo mais em Stambul que em Péra; e há cinco minutos ainda ignorava como essa condecoração veio adornar-lhe o peito. Mas agora, que o não ignoro, permita que lhe renove, conscientemente a minha homenagem. Julgo que um soldado é quem tem mais direito de o felicitar...

— Por ter reprimido uns restos de fuzilaria, como é dever estrito da nossa profissão?

— Por ter reprimido a fuzilaria dos seus próprios soldados, em dia de motim vulgar, e arriscando-se a ser morto por engano, sem glória nem grandeza.

Ele riu, e os seus olhos brilharam:

— Ora, senhor coronel! Os verdadeiros solda-

com isso ganhava em esplendor, perdia em pitoresco. Não tive o prazer de ver as meninas Kolouri, nem de ouvir o francês especial que se fala na sociedade grega. Mal pude apanhar no ar esta frase de uma linda dama, saída d'esse meio, mas aclimatada nas esferas oficiais, desde que seu marido, banqueiro, ganhou muitos milhões, não sei em que audaciosa especulação: — A menina Fulana? Sabe Deus qual será o seu dote: não esqueça que sua mãe já tem mais três filhos e um quinto na rua. — Sei que isto significa «a caminho». Mas esta rua metafórica enche-me de riso.

Seja como fôr, os salões de baile não ofereciam nenhuma atracção especial. A sala de fumo, pelo contrário, estava interessante. Assim que entrei, Narciso Boucher, que estava assentado no meio de um grupo, fez-me sinal para que me aproximasse e escutasse. Um homem gordo, com cara de juden alemão, constelado de cruces e anéis, tomava o mundo inteiro por testemunha de uma lamentável injustiça, de que se dizia vítima.

— Ah! — lagrimejava ele — posso chamar Deus e os seus santos para atestarem que fiz o possível e o impossível! Durante quatro horas contadas pelo relógio, estive agarrado ao primeiro secretário de Sua Magestade, como o estou agarrando ao senhor, pelo botão do casaco! Mas o mesmo seria discutir com uma pedra. Sorrisos, cumprimentos, quantos se queiram. Dinheiro, nada. E a mesma resposta a todos os raciocínios. — Sou exactamente da sua

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

opinião; mas Sua Magestade não pode dar nem mais uma libra. — Tratando-se, como se trata, de restituir toda a sua antiga prosperidade a três quartos da Arábia!

E enxugava a fronte, Narciso Boucher, bonacheiramente, mostrava-se concorde: — É verdade que a garantia quilométrica não é exorbitante. Mas, enfim, não é verdade? O senhor tem a concessão. É o principal.

— É o principal... para a Arábia, sim. O caminho de ferro faz-se. Mas os pobres acionistas não engordarão com os dividendos.

TATÁ CHAPELIER EN VOGUE

632
CENTRAL
TELEPHONE

— Ora! Já estão gordos... Narciso Boucher levantou-se e eu segui-o para o vão duma janela: — Ouviu-o? — cochichou-me, gracejando. — É Frederlow, o Prussiano, o homem dos vagões e dos carris. O senhor conhece o assunto? Ele quer ligar Meca e Mascate, através de quinhentas léguas de areia e pedras. É claro que isso nunca virá a dar nem um centimo: não há um só habitante em todo o percurso e demais, o trânsito por mar custará três vezes menos. Mas o Sultão pagará a garantia quilométrica e o benefício será esplêndido, a pesar de tudo.

(Continua)

SAPATARIA CONTENTE L. DA

RUA DO CARMO, 74

Telefone 5359 Norte

CALÇADO DE GRANDE LUXO

Exposição de modelos
para a presente estação

AU PRINTEMPS
tem atelier para
confeccionar e
bordar cortina-
dos em todos os es-
tilos e dimensões.
Au Printemps, rua Nova, 56, LISBOA

as honras da casa e anda por entre os homens, como uma infiel que é. Isto denota o fim do Islã.

A pesar disso, ontem à noite, o heroi da festa foi um crente. Havia meia hora que eu tinha chegado, e estava fazendo a corte a uma embaixatriz de idade canónica, quando, súbito, se produziu um remoinho. Piali bey, primeiro que ninguém, atravessando a multidão dos seus hóspedes, precipitou-se ao encontro dum recém-chegado. E madama Sokili, abandonando um grupo de damas de alta categoria, atravessava o baile quasi a correr. Pasmado, olhei para a porta, esperando ver aparecer um soberano. Foi Mehmed Djaleddin paxá que entrou. Acom-

Madame...

Se tem alguma duvida quanto
ao CONCERTO do vosso
abafo, não deixe de nos con-
sultar.

AU RENARD ARGENTÉ

Rua S. Nicolau, 13, 3.º

panhava-o Piali bey, prodigalizando-lhe sucessivas contumélies. De todos os lados acorriam os convivas. Vieram dois embaixadores, que o saudaram em voz baixa. O velho duque de Villaviciosa, homem de setenta e cinco anos, que quasi não se incomoda senão por príncipes, veio do fundo do salão estender a mão ao marechal.

Mehmed paxá sorria. Vi então que ele apresentava uma condecoração raríssima, e que o Sultão só dá habitualmente às Altezas: o Imtiaz, de brilhantes. Aproximava-se neste momento Narciso Boucher. Juntei-me ao meu chefe

nistro da Guerra que vá impôr a paz aos combatentes. Mas o ministro é mal recebido. Chegam até a alvejá-lo e vê-se obrigado a retirar-se. Mehmed Djaleddin estava no palácio. — Quereis que eu lá vá? — diz ele ao Sultão. O Sultão aceita imediatamente. Mehmed parte sozinho a cavalo, e começa por atravessar o campo de batalha, a passo, sob uma chuva de balas, a fim de ser bem visto e reconhecido. Em seguida, vai direito ao coronel árabe e estoura-lhe os miolos, no meio do regimento. Um duche de água fria não teria acalmado tão rapidamente aqueles marotos. Um segundo depois, não se ouvia voar uma mosca. Aqueles

dos, como o senhor e eu somos, sabem morrer ou matar, seja onde fôr e como fôr. Não há necessidade de bandeiras nem de música!

Reappareceu Piali bey, que monopolizou o seu hóspede. Atravessei as salas. Não havia ali mulher alguma com quem valesse a pena conversar. Lady Falkland não tinha vindo; e quanto a Francesas, só vi a Terrail, que dançava, como sempre, com o marido.

As toilettes eram elegantes. A sociedade diplomática, minuciosamente copiada por toda a gente de Péra, mantém aqui o gosto feminino a um nível aceitável. Além disso, Piali bey não recebe a simples burguesia. Mas o seu baile, se

SALÃO PARADIS CHAPEUS DE SENHORA

Direcção técnica de
MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA
EX-PREMIÈRE DE MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema francês — Cópia de modelos parisienses em todos os estilos — Arte, Simplesse, Elegancia — ESPECIALIDADE: Chapéus de luto, soirée e scena

Rua da Gloria, 95, 2.º — LISBOA
Telefone: Norte 5898

PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE
executam-se, com esmerada perfeição,
em todos os modelos parisienses
À Jour e caseados em roupas brancas

JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 1.º, E.
2.º quartelão vindo do Rossio — LISBOA

ESCOVAS SOR

Para limpeza, saúde e bem estar
dos cães e dos cavalos

Principalmente no inverno, os banhos ou grandes lavagens aos animais fazem muitas vezes apanhar bronquites ou congestões pulmonares.

Com o emprego da escova com reservatório «SOR» os banhos e as lavagens tornam-se inúteis porque essa maravilhosa escova limpa, desinfecta, torna o pelo brilhante, mata os parasitas e preserva os animais das doenças de pele.

Adoptada pela Escola Veterinária d'Alfort (França) e pelo Veterinary Record de Londres. A venda nas drogarias, espingardarias, correios, utilidades, etc...

Agentes exclusivos para Portugal e Colonias
STETTEN & C., Lda, R. da Madalena, 119, 2.º, E - Tel. C. 2869
No Porto: Adelino Garrido - R. Chã, 17, 1.º

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35
Novas instalações

Grafologia

AVISO IMPORTANTE

Temos em nosso poder algumas consultas já analisadas mas que, na impossibilidade de ampliar o espaço reservado a esta secção, aguardam por esse motivo a sua publicidade segundo a ordem por que foram recebidas e, conseqüentemente, numeradas.

Igualmente tomamos a liberdade de lembrar que a importância de cada consulta (Esc. 1\$00), não deverá nunca ser enviada em moedas metálicas, mas tão somente em notas, para que não fiquem detidos no Correio os documentos enviados.

N.º 335 — *Sempre linda.* — Sabendo impôr o seu personalismo com doçura e simpatia atraente.

Dificuldade em traduzir os seus pensamentos um pouco indecisos e hesitantes, mas sempre dignos e amáveis.

N.º 336 — *Riquinha.* — Sequência de ideias, temperamento agitado, aspirações a sentimentos superiores e ideais, não obstante sentir uma grande dificuldade em libertar-se dos seus caprichos e hábitos mais materiais.

N.º 337 — *Uma que tão injustamente é apreciada.* — Sinceridade natural, simples e sem artifícios. Sentimentalismo, comoção fácil e difi-

AS MEIAS de LINHO
PRINTemps
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS, R. Livros 56-L/BOA

ilmente contida por uma vontade que procura em vão ser rígida e inquebrável.

Como defeito, poderei unicamente dizer que o seu gênio, às vezes brusco, não consegue todavia ofuscar a doçura dos seus sentimentos.

N.º 338 — *Uma que adora os livros.* — Calma resultante por uma vida aparentemente rotineira e simples.

Naturalidade de atitudes subordinada, porém, à ideia de já mais abstrair de si própria o direito a uma situação melhor.

Vontade forte e consciente.

N.º 339 — *Minda.* — Actividade física e mental por vezes febril em crises de entusiasmo exagerado.

Independência de pensamentos e atitudes, numa evidente luta entre o seu cérebro e o seu coração.

N.º 340 — *Carriça.* — Espírito lúcido, calmo e conciso.

Um quasi nada de vaidade inofensiva e cons-



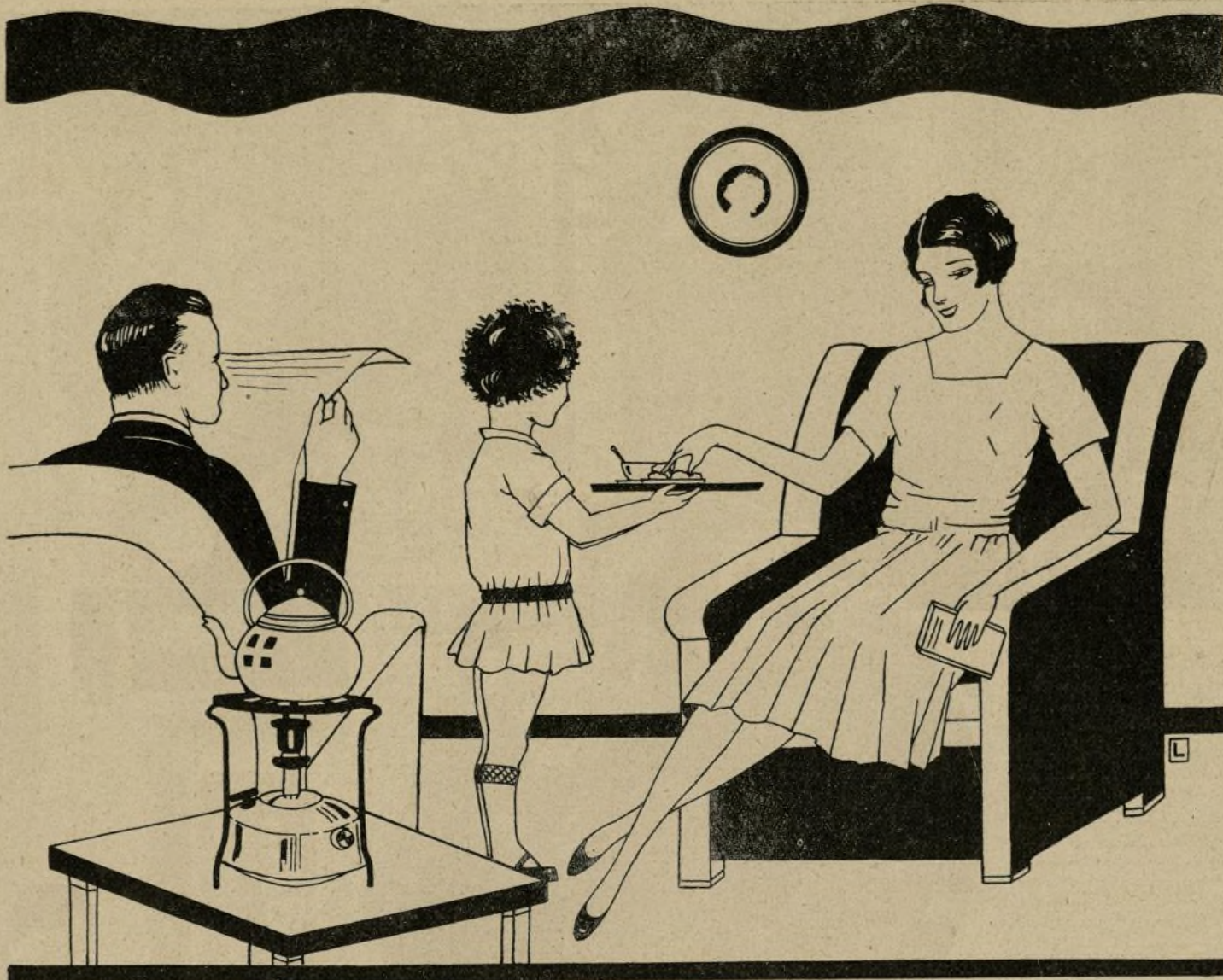
Sança Perfume
Zita

(METALICO)

**EXPERI-
MENTAR**

A NOSSA MARCA
EQUIVALE A GUAR-
DAR UMA PRE-
CIOSA RECORDA-
ÇÃO PELO AROMA
SUBTILÍSSIMO E
PELA ECONOMIA, E
PELA APRESENTA-
ÇÃO MODERNA,
IRREFUTAVELMEN-
TE MODERNA DOS
LANÇA PERFUMES

ZITA



EM FAMÍLIA
A comodidade só é
completa quando o chá é
feito em 5 minutos com o
FOCÃO
VACUUM
VACUUM OIL COMPANY

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias



**PETROLEO
SUNFLOWER**

ciência dos seus dotes físicos. Vontade forte, energia e altivez.

N.º 341 — *Saudade* — Portalegre. — Actividade física aliada a uma parcela de egoísmo cauteloso mas inofensivo.

Bondade natural onde, não obstante, existe também um pouco de zombaria e... cólera precipitada.

N.º 342 — *Sempre Triste* — Lisboa N. — E porquê? Não me parece que o pseudónimo concorde em absoluto com todos os seus característicos grafológicos.

Na generalidade, verifico que possui uma exaltação mental bastante exagerada, sempre prestes a expandir-se, talvez desordenadamente, em resultado do seu nervosismo.

Alguns sintomas de um estado de saúde perturbado por factores morais causadores de uma depressão física violenta, surgem também nos seus traços.

N.º 343 — *Minhota* — Traz-os-Montes. — Afectividade, sensibilidade inteligente e vivacidade de espírito, às vezes precipitada.

Dispêndio ocasional e altivez resultante da consciência das suas próprias qualidades.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

“ATLAS”
O MELHOR
CALÇADO

Os mais chics modelos para
SENHORAS,
HOMENS
e CRIANÇAS

DEPOSITOS EM LISBOA:

Rua Augusta, 149

Rua do Carmo, 87-A

Rua do Ouro, 198



EM CIMA, à esquerda: — Corina Freire vende elegâncias e chapéus de senhora no «Salão Aurore» Rua do Ouro, 246, 248 — Telef. N. 3818.

À centro: Na Frutaria Costa, da Rua do Carmo, Deolinda Sayal vendia primorosas frutas e doces

À direita: — A grande Lucília Simões vende uma «cinta anatômica» ao sr. dr. António da Fonseca, antigo ministro de Portugal em Paris, na Casa dos Espartilhos e Cintas, Santos Mattos & C.ª, Rua do Ouro, 123, 125

No medalhão: — Filomena Lima «vendeuse chez Tatá» o «criador de modas de chapéus da Rua de S. Nicolau» — Telefone C. 632

AO CENTRO: — Maria Sampaio averigua onde apertam os sapatos dos aristocráticos fregueses da Sapataria Contente, Limitada Rua do Carmo, 74 — Telefone N. 5359 onde se encontram os mais modernos modelos

À direita: — Irene Isidro, a deliciosa bonequinha do Trindade vende «Voga» com um formidável sucesso

No oval à esquerda: — Costinha, e Luiza Durão, encantadora artista, foram os caixeiros ideais, da afamada Casa Allemã da Rua da Palma, a melhor casa de Novidades, Bijuterias, Porcelanas, Cristais, etc.

À direita: — Na Casa das Carteiras, na Rua Palma 100, as mais lindas novidades foram vendidas por Adelina Fernandes, Eugénia Coutinho, Berta Araujo e Gilda Barco

EM BAIXO, à esquerda: — A Frutaria do Chiado na Rua do Carmo, teve os seus deliciosos produtos vendidos pela popularíssima Ema de Oliveira.

No oval do centro: — Um sorriso típico do «aze» dos caixeiros-amadores, o simpático Erico.

À direita: — Um aspecto do luxuoso salão de vendas da Casa Jayme Pinto 259, Rua do Carmo, onde foram vendidas as queridas artistas Celia Mendes e Maria Isabel



NA GRANDE «SEMANA DOS ARTISTAS» ALGUMAS NOTAS PITORESCAS

